



ISAAC

BASHEVIS

SINGER

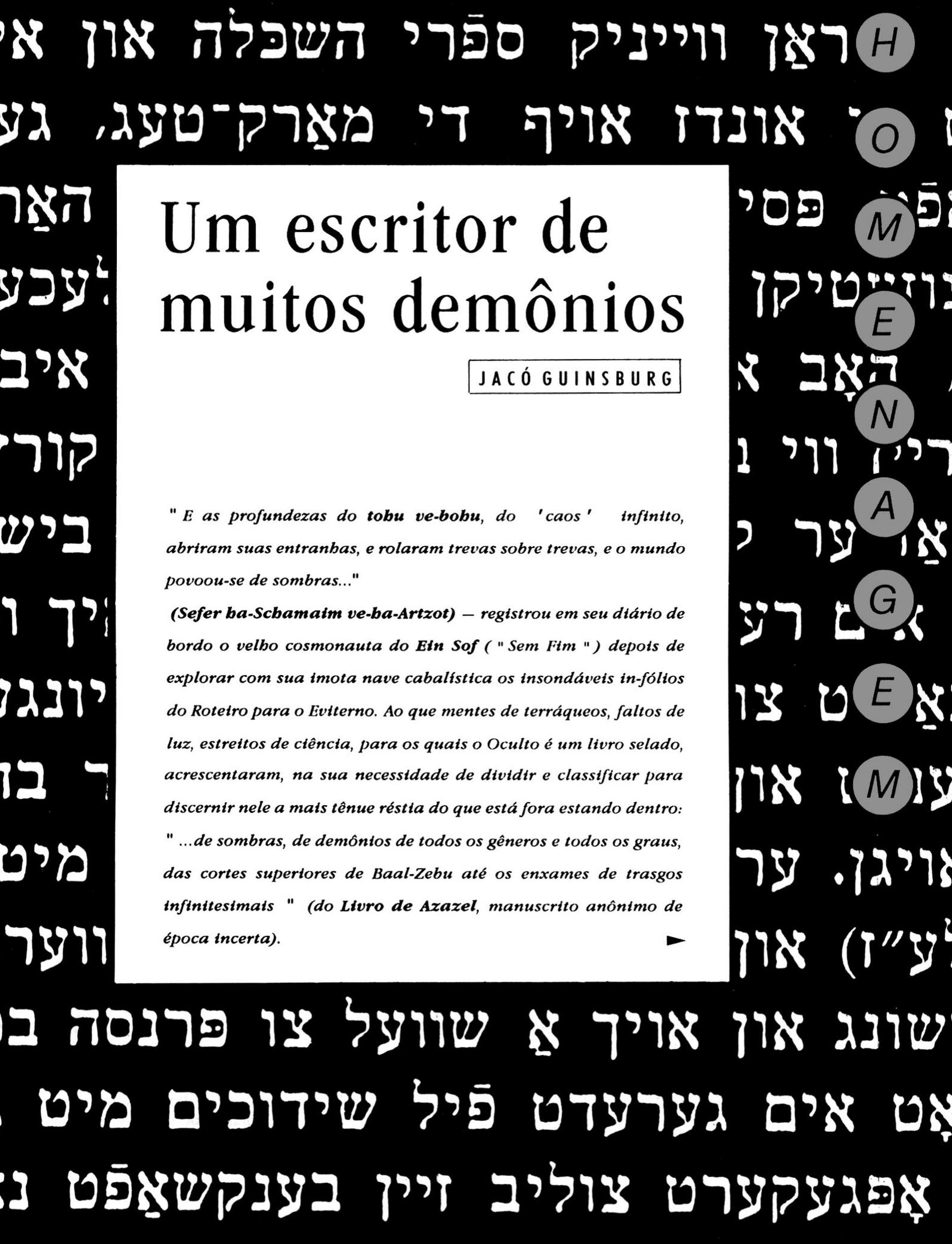
Um escritor de muitos demônios

JACÓ GUINSBURG

"E as profundezas do *tobu ve-bobu*, do 'caos' infinito, abriram suas entranhas, e rolaram trevas sobre trevas, e o mundo povoou-se de sombras..."

(*Sefer ha-Schamaim ve-ba-Artzot*) – registrou em seu diário de bordo o velho cosmonauta do *Etn Sof* ("Sem Fim") depois de explorar com sua imota nave cabalística os insondáveis in-fóltos do Rotetro para o Evtterno. Ao que mentes de terráqueos, faltos de luz, estreitos de ciência, para os quais o Oculto é um livro selado, acrescentaram, na sua necessidade de dividir e classificar para discernir nele a mais tênue réstia do que está fora estando dentro:

"...de sombras, de demônios de todos os gêneros e todos os graus, das cortes superiores de *Baal-Zebu* até os enxames de *trasgos infinitestmais*" (do Livro de *Azazel*, manuscrito anônimo de época incerta).



JACÓ GUINSBURG é professor de Teoria do Teatro da ECA-USP, editor da Perspectiva e autor, entre outros, de *Leone de Sommi: um Judeu no Teatro da Renascença Italiana* (Editora Perspectiva).

Isaac Bashevis-Singer é um ficcionista fíctico que adquiriu fama internacional com suas histórias endemoninhadas sobre a vida judaica do Leste europeu, sobretudo no *shtetl* (“cidadezinha”) tradicional. Buscando no velho repertório folclórico e nas páginas não menos vetustas do *Maasse Buch* (*Livro de Histórias*) os espectros mais conspícuos, reanimou-os ficcionalmente nos quadros de um realismo fantástico, carregado de humor cruel e paródia grotesca sobre o jogo absurdo da vida humana, mas também do violento latejamento dos sentidos e das paixões terrenas sob as piedosas *kapotes* (“caf-tãs”), barbas, *peies* (“cachos laterais”), *taleissim* (“xales sagrados”) e *mitzves* (“mandamentos-virtudes”), da devoção indiscutível e das crendices não menos indiscutíveis do judeu típico desta comunidade *sui generis*. Assim, todo um “submundo”, que vivia enfiado em poeirentos sótãos, em sinagogas derruídas e cemitérios mal-assombrados, à espreita da honrada alma ortodoxa, ameaçando-a com chifres, pés-de-cabra e rabos peludos, piscando-lhe com malícia, tentando-a com mil e um apetitosos pecadilhos, sai à rua do *shtetl*, no dia-a-dia de sua existência. São as danações de seus “espíritos”, os seus pecados “mortais”, mas não apenas sob a máscara dos símbolos e alegorias com que eram representados nas moralidades e nos escritos ético-religiosos, porém agora igualmente sob a forma nua das necessidades e compulsões humanas ou das vozes de suas repressões e sublimações, de seus terrores e fantasmas, no plano individual e coletivo.

Não é preciso dizer que, trazendo à tona esta turba subterrânea e com ela, de certo modo, algo da cloaca onde o *shtetl* e sua mentalidade depositaram os seus detritos, a visão que Bashevis-Singer propõe não é precisamente rósea. As sombras do outro lado, as *klipt* (“cascas”, “demônios”) dos abismos cabalísticos, em suas materializações histórica, social, religiosa, cultural e acima de tudo existencial, põem-se a rastejar, às vezes repugnantemente, nas histórias que o nosso encantador de serpentes conta a seu leitor. É claro que, focalizado na parte “baixa”, com algumas de suas excrescências à mostra, realçando impulsos mórbidos e necessidades “ínferas”, o semblante desta gente desfigura-se em vários de seus traços consagrados. Sua normalidade fica comprometida, afetando grotescamente a imagem que uma produção literária de 150 anos construíra sob os prismas mais variados, desde o romantismo e o realismo, conforme as tendências artísticas dominantes e o feitio de cada autor, mas sempre em torno de um eixo de equilíbrio possível.

Mas nem por isso – embora o seu espelho dos diabos tenha posto a perder a face corriqueira do judeu do *shtetl*, decompondo-lhe sobretudo a maquiagem sentimental – pode-se ver em Bashevis-Singer um mero detratador deste tipo e de seu ambiente, ou do judaísmo tradicional *tout court*, como pretendem certos críticos judeus. Na irracionalidade, nos absurdos que expõe e até mesmo nos pastiches polêmicos que dirige contra aspectos específicos da vida judaica na Europa Oriental, sua flecha vai mais fundo do que o peculiar e o característico do grupo. As contradições insolúveis, os espectros que rondam as criaturas, os desgarres em que a existência se enleia são da própria condição humana – uma sucessão incompreensível a oscilar incessantemente sobre o fio da navalha.

Homem do século XX, tendo em seu horizonte vital e espiritual o espetáculo de duas guerras cataclísmicas e a insensatez absoluta a justificar cientificamente o aniquilamento de povos, culturas e da própria natureza, Bashevis-Singer é por certo um escritor às voltas com as dúvidas e as perplexidades de nosso tempo. O que ele se pergunta é, na verdade, aquilo que Kafka, Borges, Agnon e tantos outros perguntam na ficção moderna, cada um na sua língua e a seu modo: qual o sentido do homem e de sua existência? O problema, que é tão velho como a reflexão humana e já atormentava Jó, tornou-se particularmente sensível e concreto para a consciência de hoje, num mundo onde, mais do que nunca, tudo parece estar não apenas em fluxo, mas em convulsão permanente. É um torvelinho que está tragando, entre tantas outras coisas, uma ordem de valores fundamentada em Deus ou na Ciência, cuja caução absoluta assegurava tradicionalmente um nexos certo para a vida do homem. Agora, a descoberto no entrelaço da contingência, em meio a crises incessantes que são tanto mais violentas e alienadoras quanto se processam em estruturas cada vez mais rígidas, de tipo concentracionário, superdirigista, totalitário, esta existência precisa responder sozinha por seu sentido. É claro que, colocada em tal situação concreta, ela é presa de angústia e dilaceração agônica, e é esta dimensão trágica, na sua realidade aguilhoante, torturando na facticidade do cotidiano a mente e o corpo da criatura humana, que emerge obsessiva e fantasmalmente e projeta as sombras aterrorizantes de seus contra-sensos, os desvarios do indivíduo e da sociedade, em alguns dos mais expressivos ficcionistas de nosso tempo. Em seu número cabe incluir Bashevis-Singer e os demônios que sua obra invoca, investiga e questiona no contexto ficcional fíctico, sob a roupagem típica do *shtetl* judeu.